

21/08/2013

TRIBUNAL PLENO

**PRONUNCIAMENTO DO MINISTRO CELSO DE MELLO NA SESSÃO
PLENÁRIA DE 21/08/2013**

Este é um pronunciamento **que jamais** deveria ser feito. **Mas**, *ao mesmo tempo*, Senhor Presidente e Senhores Ministros, este é um pronunciamento **que deve ser feito** em razão de fato notório ocorrido na última sessão de julgamento.

Louvo a iniciativa do eminente Ministro Presidente, *que, espontaneamente e de modo leal, vem de reafirmar* o seu respeito por esta Suprema Corte e pelos Ministros que a compõem, **além de haver reconhecido**, em gesto que se reveste de significativa importância, *como não poderia deixar de fazê-lo, o direito de cada Juiz* deste Tribunal **de livremente proferir** a sua decisão, **pois** os direitos e garantias fundamentais dos cidadãos **dependem, essencialmente, para efeito** de sua integral proteção, da liberdade e independência com que os Magistrados, *mais ainda os deste Supremo Tribunal Federal*, exercem o ofício jurisdicional.

O **relevo** a ser dado a essa afirmação, **tal** como **corretamente o reconheceu** o Senhor Presidente desta Corte, **decorre** do fato de que, sem Juízes independentes, **não pode haver** cidadãos livres **no contexto** de uma sociedade fundada em bases democráticas.

O **episódio** que se registrou na semana anterior, **muito mais** do que mero incidente, **supera**, por suas consequências e intensa repercussão, a esfera pessoal de seus ilustres protagonistas **para se projetar em uma dimensão eminentemente institucional**, **constituindo**, *por isso mesmo*, **motivo** que deve merecer **séria reflexão** por parte dos Juízes desta Corte Suprema.

Não nos olvidemos, *jamais*, Senhor Presidente e Senhores Ministros, **das sábias palavras** do saudoso Ministro LUIZ GALLOTTI, **que lançou** grave advertência sobre as consequências do processo decisório nesta Corte, **ao enfatizar** que o Supremo Tribunal Federal, **quando profere** os seus julgamentos, **também poderá**, ele próprio,

ser "julgado pela Nação" (RTJ 63/299, 312) e pelos cidadãos desta República.

Ninguém desconhece que divergências **representam** natural consectário de julgamentos colegiados e que, mesmo manifestadas com ardor, veemência e firme convicção no seio das Cortes Judiciárias ("Fortiter in re, suaviter in modo"), **valorizam-lhes** as decisões e **representam** inestimável fator de legitimação dos próprios pronunciamentos dos Tribunais.

Quando os Fundadores da República **conceberam** esta Nação, **promulgando**, em 1891, a Constituição **do novo** Estado brasileiro, **atribuíram** ao Supremo Tribunal Federal um papel de imenso relevo na jovem República, **instituindo-o** como um espaço, **por excelência**, de liberdade e qualificando-o como um veto permanente e severo ao abuso de autoridade, ao arbítrio do poder e à prepotência do Estado.

É precisamente por essa razão que as práticas processuais e o exercício da jurisdição, **no âmbito** desta Suprema Corte, **devem respeitar**, nas relações entre os Juízes que a compõem, **o mesmo** espírito de liberdade que representa a própria essência da alta missão constitucional para a qual este Supremo Tribunal Federal foi idealizado e instituído.

Assim como ninguém tem o poder de cercear a livre manifestação dos Ministros que integram o Supremo Tribunal Federal, **também cada um dos Juízes desta Corte tem o direito de expressar**, em clima de absoluta liberdade, as suas convicções **em torno** da resolução dos graves litígios que lhes são submetidos, **sob pena** de comprometimento **do necessário** coeficiente de legitimidade que deve qualificar as decisões proferidas por este Supremo Tribunal.

Os Juízes do Supremo Tribunal Federal, **tal como reconhecido** por seu Presidente no pronunciamento que ora vem de fazer, **têm consciência** de que o exercício do

poder, **em particular** do poder jurisdicional, **somente se legitimará** com o diálogo, com o debate, com o respeito à alteridade, com a aceitação da diferença, com o acolhimento do pluralismo de idéias e com a coexistência harmoniosa entre as diversas correntes de ação e de pensamento, **pois** o Poder Judiciário, em nosso País, **não pode ser** uma Instituição dividida e, *muito menos,* fragmentada por eventuais dissensões que se registrem em seu corpo orgânico, **especialmente** se se reconhecer que o propósito maior do Supremo Tribunal Federal é o de servir, com integridade e respeito, ao que proclamam a Constituição e as leis da República.

E, nesse contexto, torna-se imperioso relembrar a alta significação política e jurídica de que se revestiram, no processo de edificação da República, de construção da Federação e de consolidação da prática dos direitos fundamentais, **os votos vencidos** proferidos em **memoráveis** julgamentos, por Juízes eminentes desta Corte Suprema, **cujas lições ainda iluminam** os nossos caminhos,

ajudando-nos a forjar, *em nossos espíritos*, **a consciência superior** da democracia, da liberdade e da cidadania.

Aquele que profere voto vencido, como tive a oportunidade de dizê-lo, *certa vez*, **quando celebrei** a posse do eminente Ministro MARCO AURÉLIO na Presidência desta Corte, **não pode ser visto** como um espírito isolado **nem** como uma alma rebelde, **pois**, *muitas vezes*, como nos revela a História, **é ele quem possui**, ao externar posição divergente, o sentido **mais** elevado da ordem, do direito e do sentimento de justiça, **exprimindo**, *na solidão de seu pronunciamento*, **uma percepção** mais aguda da realidade social que pulsa na coletividade, **antecipando-se**, aos seus contemporâneos, **na revelação** dos sonhos que animarão as gerações futuras na busca da felicidade, na construção de uma sociedade mais justa e solidária e na edificação de um Estado fundado em bases genuinamente democráticas.

Aquele que vota vencido, *por isso mesmo*, Senhor Presidente e Senhores Ministros, **longe** de sofrer injusto estigma por haver exercido **legitimamente** o

direito ao dissenso, deve merecer o respeito de seus contemporâneos, especialmente daqueles que não compartilham de seu pensamento, pois a História tem registrado que, nos votos vencidos, reside, algumas vezes, a semente das grandes transformações.

Tem inteira razão, pois, RAYMUNDO FAORO, quando enfatiza que o voto vencido, muitas vezes, "É o voto da coragem, de quem não teme ficar só..." ("apud" FLÁVIO FLORES DA CUNHA BIERRENBACH, "Quem tem medo da Constituinte", prefácio, 1986, Paz e Terra).

Em suma, Senhor Presidente e Senhores Ministros, é preciso que fique claro que o Supremo Tribunal Federal, compreendido em sua incindível unidade orgânico-institucional, é mais importante do que todos e cada um de seus Ministros. Cabe-nos, desse modo, como Juízes da Suprema Corte, velar pela integridade de suas altas funções, sendo-lhe fiéis no desempenho da missão constitucional que lhe foi delegada.

É por isso que jamais poderemos transigir em torno de valores inderrogáveis como a respeitabilidade institucional, a dignidade funcional e a integridade desta Corte Suprema.

E é com esse espírito e com essa motivação, Senhor Presidente e Senhores Ministros, **que me permiti submeter, respeitosamente,** ao Egrégio Plenário do Supremo Tribunal Federal **as presentes reflexões,** *que me pareceram necessárias e oportunas,* pois jamais devemos desconsiderar o fato de que **o legado** desta Corte Suprema, **transmitido, continuamente,** de geração a geração, **a todos** os Juízes que transpuseram os seus umbrais, **é um legado imenso, duradouro e indestrutível.**
